Ano 18.º — Sabado, 20 de Junho de 1925 — N.º 883

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
Rua Eça de Queiroz n.º 3 — AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

Vida politica

Extremando campos

Defenindo responsabilidades

Eu insisto nos meus leais avisos e nas minhas francas declarações.

Muito novo na politica eu fiz identicos avisos no tempo de João Franco aos franquistas, no estertor da monarquia aos monarquicos, nas vesperas de Pimenta de Castro e de Sidonio Pais aos meus correligionarios, como depois aos pimentistas e aos sidonistas. Guardo religiosamente os documentos que o provam.

Só não vê quem desconhece inteiramente a Historia ou quem, embriagado pela posse do mando, não quere vêr!

Ha um desiquilibrio pavoroso na vida da nação. Uma perturbação surda, perigosissima. Uma crise tremenda que se não resolve, mas dia a dia se complica e agrava.

A maior parte dos povos que entraram na guerra tinham apenas em jogo os seus problemas externos.

Esses, vencidos ou vencedores, vingaram e vão refazer-se.

Os que aos problemas externos juntavam uma grave complicação interna, foram ao fundo.

A Alemanha vencida parece triunfante. Os outros, como a Russia, o imperio austro-hungaro e alguns balcanicos, cairam na extrema miseria.

Ora Portugal tinha no interior o seu problema politico ainda pendente por efeitos de uma mudança de regimen de ha 4 anos apenas e tinha toda a sua vida economica, social e moral em plena desorganisação. Em vez de resolver esses problemas, baralhou-os e complicou-os.

De então para cá, a guerra, a politica, o desleixo, a ignorancia e a selvageria nacionais, o egoismo e a desorientação das classes, a indisciplina de todos, lançaram o paiz numa anarquia total.

Todas as questões nacionais se complicaram. Em todos os problemas nacionais se introduziram novas e terriveis incognitas.

Questões delicadissimas a resolver, tudo foi tratado, por todos, com uma inconsciencia inconcebivel.

E quando a capacidade dos homens publicos, dos politicos, dos partidos, da nação estava posta á prova, quando deviam surgir as altas envergaduras de estadistas, as competencias dos tecnicos, a inteligencia, sensatez, morigeração e produtividade do paiz inteiro, ou, pelo menos, uma grande prudencia e um grande bom senso, o paiz inteiro falhou de alto a baixo.

E quem acima de todos falhou, então, foram os politicos e o que acima de tudo mostrou uma incompetencia de fazer arripiar os cabelos ao preto mais boçal, foi a politica organisada em partidos politicos, que tem sido a maior força perturbadora deste paiz.

Todos os partidos foram a terra, fazendo-se e desfazendo-se em combinações artificiosas, em intrigas de bastidor e em lutas armadas, cambalhoteando por cima da nação como se a nação fosse um mero estrado de circo destinado á sua exibição, como se o paiz existisse para os servir e suportar e não eles para servirem e honrarem o paiz.

A questão politica, pois, consumou o desastre.

Uma crise politica acirrando a crise moral, a crise social, a crise de capacidade e competencia, a crise economica, a crise financeira e, pairando sempre acima de tudo, essa crise pavorosa de falta de juizo, de falta de bom senso, de falta de sentimento do perigo, de falta de compreensão da epoca e de falta de intuição das realidades que faz de nós, hoje, um dos povos mais estultos do mundo.

Os monarquicos, julgando que neste momento mundial era ainda possivel governar com uma monarquia do seculo XII ou do seculo XV.

O eterno ridiculo dos nobres emplumados que iam cumprimentar Luiz XVIII!

A burguesia ignorando todo o movimento de emancipação proletaria dos ultimos cem anos!

A eterna inconsciencia da vespera das grandes catastrofes!

Os demagogos pensando que é viavel, depois da grande guerra, meter na governação um jacobinismo serodio, de gravata á La Valiére e melenas romanticas!

A eterna ilusão de todos os teoricos que crêem no mito de cabeça de Minerva!

Os fanaticos da massa operaria, pensando que o desvairo russo é praticavel em qualquer outro paiz civilisado ou perdido no meio da civilisação!

O eterno messianismo causador de tantas desilusões!

Os politicos profissionais e os partidos que governam, esses, então, supondo sempre que a Nação se fez para os partidos e não querendo convencer-se de que, num regimen democratico, todas as minorias teem de ser proporcionalmente consideradas e de que governar é harmonisar!

A eterna mania de todos os facciosos!

E como cumulo de desgraça, um povo analfabeto, herdeiro de mil taras que o tornam refratario ao espirito moderno e a uma grande obra civilisatoria, á ponderação, ao bom senso, á prudencia e ao equilibrio.

Tripudiando sobre toda esta desgraça um bando impune de assassinos á solta, inundando com o sangue de crimes sem conta, diariamente, todos os cantos de Portugal, como se vê do relato dos jornais.

Gozando a purria desta miseria fisica e moral, como os corvos depois de um terramoto ou de uma batalha, um chorrilho de energumenos, alvarmente inconscientes, dispondo da nação em nome dum partido quasi todo falsificado, onde se instalou a escoria do caciquismo monarquico que nos afronta hoje com o mesmo desplante com que nos afrontava no tempo da decadencia monarquica!

E o Paiz? E a Nação? E Portugal?

Que tudo isso se perca e sossobre e desapareça, pouco importa, contanto que *eu não sinta diminuida a minha prosapia e o meu vizinho, roido de inveja, reconheça que eu agora é que estou de cima!*

Esta a suprema razão e a grande teoria desta miseravel politica.

* * *

São, talvez, estas palavras o canto do cisne dum homem que acreditou na politica como sciencia de governar os povos.

Português, cidadão, republicano, eu tinha a paixão de vêr o meu paiz engrandecido e o meu povo civilisado.

E tive fé, então, numa politica republicana: moderna, scientifica, civilisada e portuguêsa!

Mas a Republica nunca foi nem podia ser, repito, para mim e para todos os que tomaram a responsabilidade de a prégar, um simples capricho de irrequietos, um motivo de perturbação nacional, uma perraria de teimosos ou uma partida de tratantes.

A Republica era simplesmente a formula mais pratica e digna de harmonisar a tradição e os sentimentos democraticos, nascidos da doutrina de 1789 e 1820, com a necessidade duma reacção contra o abuso e o marasmo da monarquia constitucionalista.

Préguei a Republica, fiz pela sua vinda e pelo seu prestigio tudo quanto me foi possivel.

Mas o que não posso é deixar sobre mim a responsabilidade das asneiras alheias.

Não querem emendar-se? Não querem arrepiar caminho? Não querem honradamente confessar os seus erros? Pois então que as façam, mas que as paguem. Que dêem cabo da Republica, que afundem o Paiz, que concitem o desprezo e a animadversão de toda a gente, que provoquem o destino que chamem sobre si a severidade do juizo dos vindouros, mas que toda a gente saiba que são *eles* e que ninguem no seu julgamento nos confunda com quaesquer criminosos de lesa-Patria, ainda que eles mesmos se aclamem como salvadores e, para se salvarem na confusão, vão cobrindo de improperios os que não são seus cumplices.

Estamos á margem nós todos os que fizemos a propaganda republicana. Vão morrendo uns, vão-se afastando os outros.

E' o que eles querem!

Eu tenho já pelo odio, pela inveja, pela imbecilidade, pela calunia, pelo insulto, pela ameaça de todos os opressores e pelas palavras ôcas de todos os patetas, um desprezo intimo, completo e profundo.

Mas da minha consciencia e dessa consciencia da Humanidade que se chama a Historia, tenho um receio enorme e por elas nutro um respeito absoluto.

Por elas e pelos principios republicanos que professo.

Por elas e pelo meu Paiz.

Por elas e pelo meu Portugal.

Por isso me quero sempre de bem com elas.

E por isso, não me importa de estar de mal com todos os que desacreditam a Republica, dão cabo do meu Paiz e levam a um pavoroso desastre o meu querido Portugal.

Todos os republicanos sensatos, todos os portuguêses sinceros assim teem de proceder.

Alberto Souto

P. S. — Não tenho espaço para documentar as minhas palavras com transcrições e excertos dos jornais.

Leiam-os; nada mais é preciso.

Abro, porém, ao acaso, um jornal, o *Primeiro de Janeiro* dirigido pelo velho republicano dr. Adriano Pimenta, insuspeitissimo.

Vejâmos, apenas, os titulos:

O caso dos generaes. Ceu nublado ou a crise ministerial iminente. A esquerda democratica prefere uma recomposição a uma queda total. Porquê? O problema das eleições.

As demissões do ministro da guerra e do general Adriano de Sá.

O ministro do Interior, (democratico) atacado rudemente pelo sr. Pestana Junior (democratico).

Os crimes da Legião Vermelha.

Ao sr. José Domingues dos Santos (democratico) responderá, em defeza da Ordem, o sr. Agatão Lança, (democratico).

Quem se salvará da rascada?

Vejâmos, mais, esta frase do general sr. Adriano de Sá, o salvador dos democraticos na ultima revolução, ao demitir-se:

—Não estou disposto a dar cavalaria a ninguem!

Apoiado, sr. general. Mas cavalaria está-a dando o paiz todo aos democraticos e ás Legiões deles!

Palavras do sr. dr. Bernardino Machado, abrindo o seu artigo de fundo do mesmo *Janeiro:*

Embora não tivesse por si apoio algum no sentimento publico e nada exprimisse das aspirações civicas que nobilitaram a insurreição de 31 de Janeiro de 1891 e, pelo contrario, se revestisse de uma feição hostil á democracia, o 18 de Abril (revolta militar de Lisboa) *encerra egualmente uma flagrante advertencia.*

Não sei se vêem bem... como dizia Dias Ferreira.

Entretanto vai acesa a batalha entre *bonzos e canhotos.*

Partiram a *espinha dorsal da Republica.*

A Republica pode continuar com a espinha partida, sr. Presidente?

A. S.

Crise ministerial

Anuncia-se para bréve a queda total do governo, se é que a esta hora não tem ido já de venter ao chão.

O primeiro a saír foi o titular da pasta da guerra.

Vamos ao resto e quanto antes. Limpe-se o Terreiro do Paço e com ele essa vergonha que se chama o Parlamento.

O país está saturado de tanta miseria moral.

Deslumbrante

Alguns jornaes descrevem, com grande copia de promenores, o acto da canonisação de Terezinha do Menino Jesus, na Basilica de S. Pedro, em Roma, e que no mez passado teve logar revestido de excepcional imponencia.

Só bispos assistiram 500!

Mas um outro factor houve que deu maior brilho á festa: foram as 500 mil lampadas electricas iluminando o suntuoso templo no momento em que a Terezinha do Menino Jesus deu entrada no mundo dos Santos.

O que ainda mais nos admira é tanta luz não ser capaz de entrar em certos espiritos...

Rebeldes, como burro...

E' de mais

A' camara dos deputados foi apresentado um projecto de lei com o fim de ser creado um selo comemorativo da independencia de Portugal cuja obrigatoriedade com a franquia ordinaria, deverá ser em 10 e 11 de Abril, 30 de Novembro e 1 de Dezembro nos anos de 1925 a 1940, inclusivé.

Chega a ser escandaloso o abuso praticado com as sucessivas emissões de selos a proposito de tudo e de nada. Ele é o selo do *raid*, ele é o selo de Camões, ele é o selo de Camilo, ele é o selo da guerra, ele é o selo de Pombal e como se tanto selo não bastasse para nos ridicularisar ainda querem mais um: o da Independencia!

E se os filatelistas fizessem gréve, resolvendo opôr-se á exploração ignobil que, de preferencia, sistematicamente os atinge?

Olhem que não deixava de ser a proposito...

A dinastia voraz

A proposito do novo escandalo em que anda envolvido o nome do sr. ministro do Interior, que, como se sabe, é o sr. Vitorino Godinho, ex-ministro dos Estrangeiros (os *adesivos* servem para todas as pastas) surge o *Diario da Tarde* com uma interessante conversa sobre a situação, que lhe é exposta assim por certo politico em evidencia:

Eu bem sei o que já se diz por aí. Que o Vitorino Guimarães arranjou um meio de se vêr livre do estadista do Interior, satisfazendo-lhe o apetite e mandando-o para a vaga de João Chagas. Mas isto tem levantado um escandalo de todos os demonios. Os jornaes monarquicos exploram já com o caso, dizendo que a Republica se tornou num simples logradoiro da *dinastia voraz dos Magalhães.*

—Explorações dos monarquicos —exclamou o jornalista.

—Não, senhor. Não, senhor. Há factos concretos. Agora, por exemplo, há três grandes logares vagos neste País: o logar de secretario geral do Banco de Portugal, o governo de Macau e a vaga de João Chagas na C. P. Ora, sabe o que sucede?

—Não sei.

—Sucede que todos esses logares vão para essa familia predestinada. O logar do Banco para o sr. Barbosa de Magalhães. O governo de Macau para o irmão. O logar de João Chagas para o cunhado. Porque—não sei se sabe—o ilustre estadista do Interior é cunhado do sr. Barbosa de Magalhães.

—Invenções dos monarquicos...

—Não, senhor. Não, senhor. No dia em que se fizer a lista de todos os cargos e comissões que esta familia tem desfrutado dentro da Republica, o país inteiro pasma.

Calou-se, uns segundos, o nosso politico. Mas logo continuou:

—E depois não quer esta gente que haja revoluções.

Que dissemos nós em meses, em anos sucessivos?

A familia Barbosa de Magalhães, reacionaria, intriguista e absorvente, foi, nesta terra, tão perniciosa como um furacão que por ela tivesse passado, desmantelando-a.

Combatemo-la por isso, exclusivamente por isso. E se tinhamos ou não razão aí estão novos factos a confirmar tudo—com gráves prejuizos dos interesses da nação e bom nome da Republica, que desde a primeira hora só tem explorado em seu proveito proprio.

Subscrição

para erigir um monumento na sepultura do malogrado capitão Alberto Joaquim Correia, morto, por desastre, em 5 de Março findo:

Tranporte......	10$00
Dos oficiais do regimento de infantaria 24........	100$00
Soma...	110$00

Cambio

A cotação de ontem foi a seguinte:

Libra.........	98$25
Franco	1$04
Dollar........	20$25

O caso de Oliveira de Azemeis

Respondendo ás ameaças do sr. Comissario de Policia de Aveiro

O sr. Jorge Cruz Lopes dos Reis após ter conhecimento de que o sr. Comissario de Policia ia querelar *O Democrata* por haver inserto a sua carta datada de 1 de junho, não só enviou um telegrama a comunicar que assumia a responsabilidade de tudo quanto ela contem, como, em confirmação, nos dirigiu outra concebida nos seguintes termos:

Oliveira de Azemeis, 15 de junho de 1925.

...Sr. Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Antes de mais nada desejo aqui bem alto, de cara bem erguida, absolutamente conscio dos meus deveres e das minhas responsabilidades, declarar que não retiro nada de aquilo que afirmei e que em vez de me sentir amesquinhado ou sequer atingido por as parvoices do sr. Judice Bicker (deixe-me trata-lo por sr. para provar a todos que tomei chá em pequeno) me sinto perfeitamente á vontade e cada vez com mais razão.

Eu ainda calculei que encontrava pela minha frente *um homem* e, afinal, apenas encontrei *um palhaço*.

Triste sina a minha; depois de roubado ainda querem escarnecer-me!...

Enganou-se, porém, S. Ex.ª (deixe-me trata-lo assim visto que tenho respeito por uma coisa que ele, o tal sr. Bicker, não faz bem ideia do que seja—a autoridade) no numero da porta, pois confundiu lamentavelmente a *pessoa com o magistrado*.

Chamou-me ele caluniador, *(sic)*. E que poderei eu chamar a sua Ex.ª?

Oh! irrisão das coisas! Que será o tal senhor?!

Quer que eu vá provar em juizo aquilo que escrivi; mas de juizo precisa o sr. Bicker, que pelo nome não perca.

Então aquilo que vem escrito no jornal *O de Aveiro* é de *cabo de esquadra* e não de *comissario de policia*... visto o sr. Bicker, que, repito, pelo nome não perca, Comissario de Policia, fazer *pendent* com os mais broncos dos seus subordinados, dizendo ou parafrasando o *ande lá p'ra diente, que é poribido andar parado...*

Valha-nos Deus ou o Diabo contra toda esta sucia que se apoderou da convicção de que já não ha juizes em Berlim, como diria o moleiro de Sans Souci.

Reduzido tudo aquilo ás devidas proporções, fica uma batata muito pôdre. Repare V. que o tál sr. Bicker, que, repito, pelo nome não perca, só veio afinal provar que eu não menti, pois que confirmou, embora a seu modo, mas, no fim e ao cabo, de uma maneira iniludivel, que eu acusei com verdade e com fundamento.

Deu cabriolas, para conseguir o seu fim? Mas que importa isso se as habilidades do prestimano só servem para *épater* e não para provar o impossivel?

Charlatão de feira, conseguiu ser tambem novo rico (pois que é comissario de policia em Aveiro e negociante em Lisboa, segundo me informam) e agora faz questão de ser homem de bem como se o dinheiro, só por si, fosse capaz de comprar tudo, desde a bôa e sã razão até á miseria moral.

Bem digo eu que o sr. Comissario de...Policia, anda na lua. Ele bem se cançou a dizer que era da escola do Egas Moniz e do João Pinto dos Santos, e que já tinha, aí, em Aveiro, desafiado um cavalheiro que lhe fez a partida de lhe rifar o camarote para um duelo que, por misericordia, queria que fosse á pistola, a cinco passos, pelo que o cavalheiro até fugiu, mas isso a mim não me enrola nem mete mêdo.

Conheço a espada, de a usar durante anos, e, a pistola, para acertar não precisa na minha mão de 5 passos mas de 50. Ele calculou que eu era da...urse, vá lá assim.

Veio o pobre homem argumentar com a tal historia do sinal maçonico. Aquilo foi obsecação, certamente. O que ele viu foram as armas de S. Francisco...

Que grande nulidade e que pena uma cidade e o seu distrito estarem assim confiados a semelhante tipo. Nem sequer tem o respeito pela verdade. Apre!—que já é ser petulante.

O que me dá mais no gôto é a tal historia da chantage. Quem é, então, o *chanteur*, visto o sr. Bicker (que, repito, pelo nome não perca) ter confirmado as minhas afirmações?

Deixemos ficar esta charada a premio, para quem quizer entreter-se a advinhar.

Mas ele não está só; para cumulo, ele é apenas o instrumento passivo nas mãos de alguem.

Tambem quer que lho prove? Que me torne a querelar e verá como no tribunal sou capaz de ser o que muitos cá fora não teem essa coragem.

Mas vamos de vagar que isto vai dar muito que ver. Repito: enganaram-se no numero da porta. Isto aqui nunca andou á meia porta, e o tempo se encarregará de o demonstrar.

Até breve, pois que eu não deixarei de ir aí cumprimenta-lo, provando-lhe deste modo que não tenho medo ao papão, nem aos açoites...

Desculpe-me e creia-me seu

Amigo grato, etc.

Jorge Cruz Lopes dos Reis

Estradas

Sr. Arnaldo Ribeiro:

No ultimo numero do jornal que V. muito dignamente dirige vem uma carta copiada por um filho do sr. Manuel Paulo, de Sôza, na qual afirma, ácerca do escandaloso fornecimento de pedra para as estradas deste concelho, que a correspondencia de Vagos para *O Seculo* abona muito pouco a probidade jornalistica do correspondente. Isto entende-se comigo e já que os parvos e os comedores querem palha e eu estou disposto a perder tempo com eles, peço a V. o favor de publicar o seguinte:

A Camara Municipal deste concelho informou, ha tempo, o tolinho da Direcção das Obras Publicas de que havia quem fornecesse pedra para as estradas a 15 escudos cada metro posta no local a reparar. Ora como o Manuel Paulo, nessa altura, já recebia das O. P. 20 escudos por metro, de tudo se serviram os comedores para que aquela oferta não fosse aceita, provocando uma questão com a Camara, da qual resultou a rutura de relações com aquele tolinho e outros borrachões das O. P.

Depois disto o Paulo, encarregado de fornecer a pedra, comprou-a a 8 escudos aos srs. João Moço e João Anacleto, do Lombameão e a 10 escudos ao sr. David Arrais Serodio, do concelho de Mira, posta de graça na estrada pelo serviço braçal e o tolinho das O. P. pagou-lha a 20 e 22 escudos, como o filho do Paulo diz naquela carta que o patrão lhe deu a copiar. Já vê V. que houve um lucro de mais de cem por cento.

O tolinho das O. P. prometeu, de facto, o dinheiro para a estrada entre Vista Alegre e Aveiro não só ao sr. Visconde de Atouguia como á comissão politica do chamado partido democratico de Ilhavo e a essa remessa se referiu o correspondente de *O Debate* em Ilhavo e os jornaes *Ilhavense* e *Beira Mar* em numeros que tenho á vista. O tolinho não cumpriu a promessa, porque não tem brio nenhum e o sr. Visconde de Atouguia viu-se na necessidade de reparar a estrada por sua conta e o dinheiro, se não veio para Vagos, deu entrada no bolso do pai Paulo, coisa que este individuo não conseguiu enquanto o sr. Manuel Dias foi Chefe de Secção apezar de lhe escrever cartas a fazer ofertas de fornecimentos de pedra.

Já vê V. sr. Director, que a probidade do informador de *O Seculo* sempre é melhor do que a do tolinho das O. P. que, informado pela Camara, primeiro que havia pedra a 15 escudos e depois em oficio numero 69, de 18 de Maio ultimo, que alguma pedra tinha sido dada pelo sr. Soares Pinto e outra era vendida por aqueles individuos, já referidos, a 8 e 10 escudos, em vez de aceitar a primeira oferta ou mandar comprar a pedra directamente pelos cantoneiros, sem dar lucros a ninguem, só recebe pedra por intermedio do Paulo, para lhe meter no bolso um lucro superior a cem por cento e ainda teve o descaramento de insultar e ameaçar a Camara. E' assim que se arranjam criados para as eleições e para falsificar requerimentos para inscrição no recenseamento eleitoral (que me foram entregues cheios de pingos roxos) á custa do cofre da Camara Municipal que tambem apanhou um bom rombo enquanto teve aquele Paulo ao seu serviço e do cofre das O. P. que os comedores andam agora a sangrar e é assim que se consegue viver de costa direita deixando em paz a enxada e a charrua, objectos que merecem aos comedores todo o desprezo.

Tambem é menos avariada a probidade do informador de *O Seculo* do que a do garoto que agarrou na mão do filho menor do Paulo, para ele escrever essa palavra e ainda menos avariada é do que a do sujo *clown* que, depois de injectar essencia de terebintina nas pernas dos soldados que estavam prestes a marchar para a guerra, inutilisando-os, foi para o Tribunal Militar Territorial declarar que aplicara aquela droga para curar a sifilis!

Ainda menos avariada é a probidade do informador de *O Seculo* do que a daquele comedor que repartia os coelhos apanhados a furão e dava leitão a um tal Corrêa, das O. P. para ele deixar passar aquele nojo da estrada de Sôza, sem pedra britada e com uma caixa insignificante e que comprava ou tentou comprar pinheiros para si, mas em nome da Camara e para pontes de utilidade publica, para que os vendedores lhos cedessem por menos dinheiro.

Se não lhe roubasse tanto espaço teria relatado isto com todos os pormenores.

A's restantes banalidades do testa de ferro do seu patrão nada mais direi por hoje.

Pelo favor da publicação destas linhas no seu conceituado jornal se confessa m.º grato o

De V. etc.

Vagos 9-6-25.

Duarte Rocha Vidal

Pelo visto, os escandalos nas Obras Publicas são uma coisa que nunca mais acaba.

Pois era tempo e mais que tempo de pôr côbro a tanta imoralidade, fazendo o saneamento dessa repartição de modo a coloca-la ao abrigo de todas as suspeitas, a coberto de todos os epitetos infamantes.

Vamos, senhores, para honra do funcionalismo digno e cumpridor dos seus deveres.

Ditosa Patria que taes filhos tem...

Um novo escandalo, dos que bradam aos céus e precisam ser esclarecidos quanto antes, é uma burla de 240.000 francos narrada no Parlamento pelo *leader* do partido nacionalista e na qual parece ter responsabilidades tremendas o sr. ministro do Interior, que se ainda não caiu do pedestal onde indevidamente o colocaram, deve estar prestes a isso, como tudo indica e os jornaes mais bem informados e de peso na opinião publica, claramente afirmam, dando o govêrno em crise.

De tudo, porém, o mais curioso é o que acabâmos de ler no *Diario da Tarde* sobre o retumbante caso, assim ironicamente comentado pelo ilustre confrade depois de a ele se referir no tom proprio de quem deseja ver a administração do país entregue a bôas mãos:

Pelo que nos dizem, o sr. Cunha Leal não limitará o seu ataque a este caso do desfalque. Vai preguntar tambem ao governo se é verdade o que dizem os jornaes.

Se é verdade que vão ser dados á familia Barbosa de Magalhães todos os três grandes logares, atualmente vagos neste País.

Se vai o sr. Barboss de Magalhães para secretario geral do Banco de Portugal.

Se vai seu irmão para o governo de Macau.

Se vai seu cunhado para a vaga de João Chagas nos Caminhos de Ferro.

Nós não concordamos com o barulho que se tem feito em volta deste caso.

Que diabo! Então porque uma familia inteira quer sacrificar-se pelo País, tomando conta de todos os logares que nele existem, havemos de lhe querer mal por isso?

A familia Barbosa de Magalhães foi já uma familia predestinada no tempo da monarquia, por ela se sacrificando sempre.

Veiu depois o novo regimen, e logo se instalou dentro da Republica, com o mesmo desinteresse, com a mesma isenção, com o mesmo espirito de sacrificio.

Assim, qual deve ser a atitude de todos os bons patriotas?

Atacar os que deste modo se sacrificam?

Não, sr. Cunha Leal, não...

O que todos os patriotas teem a fazer é louvar-se com aqueles que querem bem servir o País.

Ditosa Patria que taes filhos tem!...

De pleno acordo. E então, para variar, siga a bexiga!

Teatro

"O Moleiro d'Alcalá„

Como dissemos, no espectaculo em beneficio da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, esta ofertou aos directores scenico e musical, respectivamente Aurélio Costa e Antonio Lé, dois magnificos ramos de flores artificiaes, que tinham em largas fitas de seda as seguintes dedicatorias: *Ao Grupo de Opereta Amadores Aveirenses—A Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios.*

A Antonio Lé e á orquestra que ele muito dignamente dirige na opereta «O Moleiro d'Alcalá» oferece a Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios 5-6-925.

Como se encontrasse na plateia a nossa conterranea Augusta Freire, noutras épocas uma das primeiras figuras da scena, distinguindo-se como amadora, teve ela de comparecer no palco onde a festejaram com calor, dando-lhe palmas e atirando-lhe flores, deferencia que agradeceu com emoção e reconhecimento á plateia promotora dessa expontanea manifestação de apreço.

Na segunda-feira seguinte realizou-se o espectaculo para a Misericordia. Tudo cheio. No final dos actos flores abundantes cairam no palco. Aplausos vivos e entusiasticos no meio dos quaes o dr. Lourenço Peixinho, provedor da Santa Casa, fez entrega de dois *bouquets* de flores artificiais a Aurélio Costa e Antonio Lé, enquanto um grupo de gentis meninas da nossa primeira sociedade distribuia pelas coristas formosos ramos de flores naturaes.

Ao cair o pano sobre o ultimo acto o entusiasmo atingiu o delirio, sendo bisado o ultimo côro e bailado.

As flores cobriram mais uma vez os interpretes da magnifica opereta que assim se despediram do publico aveirense, deixando saudosas recordações.

* * *

O grupo esteve na segunda e terça-feira em Braga, onde deu dois espectaculos no sumptuoso Teatro Circo da antiga cidade dos arcebispos e das impressões que ali deixou di-lo a cronica teatral do *Diario do Minho*, que assim fala dessas récitas:

«Duas coisas nos impediram hontem de dar a devida e merecida larguesa ao relato do belo espectaculo que o *Grupo de Amadores Aveirenses* deu anteontem no nosso Teatro Circo e

A excursão de Pombal

Sempre se efectuou na quarta-feira a visita dos pombalenses a esta cidade, que foram recebidos com musica, e daqui retiraram alta noite após terem visto minuciosamente Aveiro e alguns dos seus arrabaldes.

O dia é que não foi bem escolhido para o efeito dum condigno acolhimento.

Tentativa de suicidio

A cidade foi na quarta-feira alarmada com a noticia de haver tentado contra a propria existencia o sr. dr. Fernando de Moraes Zamith, professor do liceu, que imediatamente foi transportado de sua casa para o hospital, onde se encontra um tratamento, havendo esperanças de se salvar.

Lamentamos a triste ocorrencia.

O Democrata, *vende se na Arcada juntamente com os jornaes de Lisboa.*

O baile do liceu

Com uma assistencia selecta teve logar, no sabado, a *soirée* dançante com que fecharam as festas camoneanas levadas a efeito pelos professores e alunos do nosso primeiro estabelecimento de ensino, tendo nós visto no grande salão da biblioteca, caprichosamente ornamentado, as principaes familias de Aveiro, incluindo o que entre nós existe de mais elegante.

Dançou-se animadamente até á madrugada do dia seguinte, sendo os serviços, abundantes e primorosos, fornecidos pela conhecida Confeitaria Oliveira, do Porto.

O liceu, cujas salas se achavam todas iluminadas a luz electrica, oferecia um aspecto nunca visto até hoje, retirando os convidados plenamente satisfeitos pela maneira distinta como foram acolhidos e tratados por quantos se encarregaram de fazer ás honras da casa.

Julgamento

O tribunal condenou no dia 17 a tres anos de prisão maior celular ou na alternativa de quatro anos e meio de degredo em Africa, o conhecido *Patota* (José da Naia Velhinho Junior) autor duma proêsa repugnante ha tempo praticada contra a mulher dum amigo.

A sentença foi bem recebida.

ontem repetiu: a falta de tempo e o espanto.

A falta de tempo porque o espectaculo acabou em demasiado tarde... E o espanto porque não estamos hoje repostos—e já lá vão longas horas—da admiração que nos causou a apresentação brilhante—a todos os titulos—a unica em artistas amadores—do magnifico grupo Aveirense...

E em verdade, positivamente, de ha anos a esta parte, anda tudo ás avessas.

Quantum mitatus ab illo!

Noutros tempos as companhias de teatro rinham artistas e os amadores eram amadores.

Hoje, ao invez, as representações de companhias parecem de amadores e as de amadores, como destes, são feitas por verdadeiros artistas...

Aveiro, dantes, mandava-nos mexilhões e ovos moles.

Hoje é um verdadeiro alfobre de artistas e exporta companhias—porque não ha só esta!—com orquestra e tudo—que causam o mais justificado entusiasmo em toda a parte onde levam a sua requintada arte.

Numa só coisa Aveiro,—mercê de Deus!—não mudou: na beleza das suas gentis tricanas...

Quem, ante-ontem e ontem, as viu, graciosas, elegantes, radiantes de vida, pisando, coleantes e gentis, as nossas asperas calçadas, não podia deixar de invejar aquela priviligiada terra—linda e sadia — e tão abençoada de Deus...

A estada do grupo de amadores em Braga—marca um acontecimento.

Quando, pela primeira vez, o pano subiu e á nossa vista se deparou—numa garrida e estridula sinfonia de côres—aquela surpreendente apoteose á graça e á côr, a plateia desde logo ficou vencida, conquistada e d'aí todo o espectaculo—e o que foi anteontem, repetiu-se ontem—decorrer no meio de um entusiasmo invulgar nesta terra já mais proxima do frio Norte.

Poucas vezes aqui temos assistido, que bem nos recorde, a tão galharda recepção. E se muito ia para as gentis visitantes que se nos daparavam em quadros de sonho, cheios de ritmo e graça—eram unanimes tambem os aplausos á magnifica apresentação deste numeroso e escolhido grupo de verdadeiros artistas.

Não ha que especialisar nomes; numa democracia são todos eguais...

E todos, em verdade, se houveram duma maneira bizarra, notavel e merecedora da mais entusiastica admiração.

Os principais interpretes, os córos e a orquestra — isto chega a parecer um impossivel: uma tal orquestra de amadores! — todos muito bem. Mesmo muito bem.

E saber-se que Aveiro, tão pequena cidade, mas tão grande de merecimento, tem um outro grupo artistico como este e como este mimoso e egualmente uma outra orquestra de amadores, que estão ou vão trabalhar no Teatro de S. João, do Porto!...

Que lição!...

E que mais dizer?

Que deixam Braga mergulhada em saudades e que voltem, mas voltem depressa...»

X.

Correspondencias

Alquerubim, 11

Ontem pairou sobre esta freguesia uma forte trovoada. De tarde, em Serem, uma faisca matou um homem e deixou o sr. Francisco Reis em perigo de vida. Este desastre causou profunda tristeza naquele lugar porque o sr. Reis pertence á familia mais respeitavel de ali.

A seus irmãos Augusto e José, de quem somos amigos, enviamos-lhe a expressão do nosso sentimento pelo desgosto que acabam de sofrer, e ao doente desejamos pronto restabelecimento.

C.

Comarca de Aveiro

E'ditos

Na terceira vara civil de Lisboa, escrivão Lopes Ferreira, e autos de justificação para habilitação em que são justificantes D. Maria Hortense Bilio da Silva Albano, com seu marido Francisco Antonio Albano, de Lisboa e justificados o Ministerio Publico e incertos, correm éditos de 30 dias a contar cinco dias depois da segueda e ultima publicação deste anuncio, citando quaesquer interessados incertos que se julguem com direito a impugnar que aquela justificante seja julgada, para todos os efeitos de direito, unica e universal herdeira dos bens deixados por seu pai Francisco da Silva, viuvo de Maria da Gloria Bilio Vieira Mascarenhas, morador, que foi, na cidade de Lisboa, Rua Marcos Portugal, 23, primeiro esquerdo, freguesia de Santa Izabel, seu ultimo domicilio, natural de Cacia, da comarca de Aveiro. Qualquer impugnação, pois, deverá ser deduzida na terceira audiencia, depois de acuzada na segunda a respectiva citação, e findo que seja o prazo dos mesmos éditos, sob pena de revelia.

As audiencias n'aquela vara fazem-se ás terças e sextas-feiras, pelas dez horas e trinta e sete minutos, no tribunal respectivo, instalado no edificio denominado Boa Hora, sito na Rua Nova do Almada, de Lisboa, não sendo feriado ou compreendido em ferias qualquer desses dias porque então se fazem no primeiro dia util.

Aveiro, 16 de Junho de 1925.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Souza Pires

O escrivão
Francisco Marques da Silva

Roubados ?

Esta pergunta vem a proposito de ainda não ter sido ordenada a troca das cedulas de 20 cent. pelas novas e de alguns jornaes pôrem em duvida que isso se venha a realisar, como de direito.

Mas então poder-se-ha tolerar uma coisa dessas sem um protesto energico, decidido, dos lesados?

O' da guarda! O' da guarda!